

RESENHA: HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA, DE ÉDOUARD LOUIS

Leonardo Lani Abreu

Já virou lugar-comum a afirmação de que a vida imita a arte melhor do que a arte imita a vida, expendida originalmente por Oscar Wilde (1994). Contudo, delimitar com precisão o que é realidade e o que é imaginação não é tão fácil quanto parece. Em “História da violência”, de Édouard Louis (2020), é possível encontrar um exemplo contundente do imbricamento indissolúvel entre referidas instâncias.

Considerado uma das principais vozes da literatura francesa atual, Édouard Louis vale-se da palavra escrita para exorcizar seus demônios internos. Sua obra transita entre a “autoficção”, termo criado por Serge Doubrovsky (1997) para designar as obras literárias que realizam uma mescla entre autobiografia e ficção, e o “bildungsroman”, tipo de romance inaugurado por Goethe (2006) que expõe o processo de desenvolvimento psíquico de um personagem, desde a imaturidade até uma fase de maior segurança emocional.

Um dos epítetos que melhor caracterizam a configuração social contemporânea é a “sociedade da transparência” (HAN, 2014), devido ao esmaecimento crescente das fronteiras entre o público e o privado, comprovado pela multiplicação além de qualquer medida daqueles que fazem do exibicionismo da intimidade um meio de sobrevivência. Nada é mais distante dessa tendência que a autoexposição de Louis, semelhante antes a uma terapia que a uma forma de promoção pessoal.

Na esteira da intuição doubrovskyana de que a autoficção é uma “prática da cura” (MARTINS, 2014), Louis descreve em seus romances as dificuldades em viver uma sexualidade dissidente numa sociedade em que a heterossexualidade é imposta compulsoriamente (RICH, 1993). Não há como discorrer sobre “História da violência”, segundo livro de Louis, sem levar em conta seu romance de estreia, “O fim de Eddy” (2018), no qual ele relata seus esforços malsucedidos em “ser durão”, a fim de corresponder às expectativas de comportamento de um ambiente social sufocante e castrador.

Crescido à sombra da pobreza, do racismo, da homofobia e do alcoolismo, como filho de uma família operária, em uma aldeia da Picardia, o então Eddy Bellegueule procura dissimular sua homossexualidade para escapar das constantes humilhações de que é alvo no âmbito familiar, comunitário e escolar. Contrariando a visão idílica da cultura como espaço de acolhimento do indivíduo, Louis lança luz sobre o caráter hierarquizador e excludente dos

ditames culturais, estruturados a partir de categorizações variadas, tais como classe, raça, gênero e orientação sexual.

Nesse contexto embrutecedor, a virilidade confere respeito e é, com frequência, tomada à força dos outros, como atestam as cusparadas contumazes que Eddy recebia dos valentões na escola, dentre outras agressões, em razão de seus modos efeminados. Ele primeiro almeja igualar-se aos que o martirizam, para descobrir, a duras penas, que a adoção forçada da moralidade dominante pouco ou quase nada tem a ver com a expressão de uma escolha livre. Ao conscientizar-se de que é impossível deixar de ser quem se é, encontra uma rota de fuga numa faculdade de teatro situada em Amiens, regida por códigos de conduta mais tolerantes.

Eddy Bellegueulle foi o primeiro de sua família a ingressar a universidade, tendo sido admitido na Escola Normal Superior de Paris de Paris em 2011, como aluno de sociologia. Em 2013, ele mudou seu nome oficialmente para *Édouard Louis, em mais uma tentativa de jogar uma pá de cal sobre o passado. Seus escritos se resumem, em grande medida, na luta sem tréguas que ele empreende para não ser definido pelos seus traumas. Infelizmente, neste embate entre um passado que se deseja suplantar e um futuro que se quer realizar o quanto antes, “[...] o esquecimento não pertence ao domínio do realizável.”* (LOUIS, 2020, p. 139).

Por mais que procure encarar com naturalidade sua orientação sexual, não faltarão em seu caminho aqueles que irão lembrá-lo de seu desajuste em relação às diretrizes heteronormativas. É o caso de Reda, rapaz que o escritor conheceu nas ruas de Paris, quando retornava de uma ceia com alguns amigos, por volta das quatro horas da manhã, na véspera de Natal de 2012. Esse encontro fatídico, que por pouco não resultou no assassinato do autor, é o mote de “História da violência”.

Após investidas insistentes, Reda consegue vencer a resistência inicial de Louis, que o convida para ir a seu estúdio. O rapaz lhe relata a história de sua infância e de como seu pai chegou à França, fugindo da Argélia. Os dois passam o resto do tempo transando, jogando conversa fora e rindo, até que Louis percebe que seu convidado havia escondido seu Ipad no casaco. Quando ele chama a atenção para o furto, desencadeia um surto de raiva em Reda, que passa a ameaçá-lo com um revólver e a cobri-lo de insultos. Em seguida, as ofensas evoluem para um *estrangulamento quase fatal* e terminam num estupro.

Nos dias seguintes ao incidente, Louis é obrigado a confrontar-se com a indiferença de atendentes médicos, o sarcasmo de policiais, a atenção invasiva de amigos e o tratamento condescendente de familiares, numa série ininterrupta de violações. Porém, o mais doloroso

para ele é ter de lidar com o turbilhão de memórias, que havia lutado em deixar para trás, deflagradas pelo ocorrido. Num primeiro momento, não é capaz de descrever a tragédia que o acometeu: “*Dizem que a gente não consegue sair da linguagem, que ela é própria do ser humano, que condiciona tudo [...] então, durante aqueles cinquenta segundos em que ele me matava, eu não sei o que eu era.*” (LOUIS, p. 99, grifo do autor).

Porém, pouco a pouco, consegue processar verbalmente a enormidade do ocorrido, conquanto resista de todas as maneiras a assumir o papel de vítima, como se depreende da seguinte passagem:

Por que se impõe aos vencidos da História que sejam suas testemunhas? – como se ser vencido não houvesse bastado, por que é que os vencidos têm de, além de tudo, apresentar o testemunho da derrota, por que é que eles têm de, além de tudo, repetir a derrota até a exaustão [...] Não, é o oposto, o oposto é que deveria acontecer, você deveria ter direito ao silêncio, os que viveram a violência deveriam ter direito de não falar dela, deveriam ser os únicos a ter o direito de se calar, os outros é que deveriam ser repreendidos por não falar [...] (LOUIS, 2020, p. 143, grifo do autor).

À guisa de conclusão, o maior mérito de “História da violência”, livro revestido de uma inegável conotação política, reside no escancaramento do preconceito e da discriminação na França, tida como a caixa de ressonância do Iluminismo. Se as duas guerras mundiais sepultaram o ideal da emancipação humana sob a égide da razão, o racismo, o sexismo, o classismo e a homofobia hodiernos corroboram que a violência é uma inclinação dos seres humanos difícil de ser contornada, por estar atrelada às lutas pelo poder, disseminadas em todo o corpo social.

A única saída para alterar esse estado de coisas, por mais precária que seja, é a palavra, por meio da qual se pode tomar ciência dos condicionamentos culturais existentes para, quem sabe, ultrapassá-los. Ainda que Édouard nem sempre tenha obtido sucesso nessa superação, ele demonstra um pleno domínio da arte da escrita, o que já é um motivo mais que suficiente para dedicar algumas horas à leitura de seus trabalhos.

REFERÊNCIAS

DOUBROVSKY, S. *Fils*: roman. Paris: Éditions Galilée, 1977.

FAEDRICH, A. M. *Autoficções*: do conceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea. 2014. 251 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 2014.

GOETHE, J. W. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. São Paulo: Editora 34, 2006.

HAN, B.C. *A sociedade da transparência*. Lisboa: Relógio D'Água, 2014.

LOUIS, E. *O fim de Eddy*. São Paulo: Tusquets, 2018.

LOUIS, E. *História da violência*. Tradução de Francesca Angiolillo. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

RICH, A. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. In: GELP, B. C.; GELP, A. (Ed.). *Adrienne Rich's poetry and prose*. New York/London: W.W. Norton & Company, 1993.

WILDE, O. *A decadência da mentira e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

Submetido em janeiro de 2021.

Aprovado em junho de 2021.

Informações do(a)s autor(a)(es)

Leonardo Lani Abreu

Professor Adjunto do Curso de Direito da Universidade Federal do Acre

E-mail: leo-lani@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7029-8338>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5623010093652376>